

*Childhood & philosophy* é uma revista que está esperando por nascer pelo menos desde que Sócrates ocupou um lugar singular (pelo menos para nós) na *pólis* do século v a. C. e fundou uma disciplina. A concepção dessa revista se sustenta, muito mais tarde, no providencial encontro histórico entre a educação da infância e a filosofia. Esse encontro, por sua vez, teve que esperar pelas proféticas declarações de Rousseau no *Emílio*, enviadas qual manuscrito posto numa garrafa à revolução iminente e pelo lento desenvolvimento, ao longo dos séculos XIX e XX, de um adulto realmente capaz de ouvir as crianças, senão de escutá-las. Para isso foi necessária a desconstrução romântica de tal adulto (masculino) vivamente esclarecido quem, devemos admitir, fez possível a revolução.

Podemos evitar a especulação politicamente perigosa sobre quem desse par - filosofia ou educação infantil - corresponde ao pai e quem à mãe ao invocarmos o anti-Édipo e a ontologia da diferença, nos quais as possibilidades para a função paterna e materna são múltiplas. Certamente a educação concebida como um veículo de disseminação dos dispositivos modernos para a constituição da subjetividade escavada a nós por Foucault não pode reivindicar direitos de paternidade. A forma de educação assentada no poder disciplinar tem sido largamente inimiga da infância e da filosofia. Por outro lado, filósofos “profissionais” ou “reais” fariam caçoadas típicas à sugestão de que as crianças sejam capazes de filosofar - ou que possam fazer algo remotamente “sério”.

Acreditamos que o interesse para que as crianças façam filosofia é inseparável de uma preocupação com a própria infância. Esta proposição tem como base observação de que muitos adultos - especialmente adultos que ensinam crianças nas escolas e filósofos profissionais - parecem, na maioria dos casos, desconsiderar ou negar a capacidade da criança para pensar filosoficamente. Tal situação complica-se profundamente ainda mais pelo fato de que pensar as crianças fazendo filosofia significa redefinir a própria filosofia. Portanto, não é

suficiente dizer o óbvio - que as crianças não podem fazer filosofia como nós. Pensar a criança fazendo filosofia requer também redefinir a própria infância.

*Childhood & philosophy* procura explorar essas duas redefinições, em seu entrecruzamento. Essa procura é pelo menos uma das dimensões fundamentais do grupo de filósofos e educadores que integram o conselho internacional para a investigação filosófica com crianças (International Council for Philosophical Inquiry with Children). O ICPIC já tem uma longa história, a qual pode ser consultada em [www.icpic.org](http://www.icpic.org).

*Childhood & philosophy* está posta para ser uma de suas muitas vozes e para interagir em harmonia com as notícias e informações que você encontrará nessa página. Para manter vivo o caráter polifônico da organização, decidimos, inicialmente, publicar artigos em até seis línguas. Reconhecemos que esse não é um modo particularmente eficiente de oferecer a revista - traduzindo tudo para o inglês provavelmente, na média, ganharíamos mais leitores por artigos - mas essa prática significa o nosso compromisso, não somente com a integridade de cada parte do trabalho em sua língua materna, mas com nossas esperanças de um crescente multilinguismo em geral, que é uma metáfora (ou, de fato, um índice) de um aumento nesse poliperspectivismo, que consideramos ser uma expectativa de um repensar da infância e da filosofia.

No presente número, v. 10, n. 20, publicamos textos em inglês, castelhano e português. Alguns deles tematizam a filosofia como atividade em comunidade: Marina Santi ("Doing Philosophy In The Classroom As Community Activity: A Cultural-Historical Approach") a explora desde uma perspectiva histórico-cultural; Roberto Tibaldeo ("Reframing And Practicing Community Inclusion: The Relevance Of Philosophy For Children") estuda a comunidade filosófica em sua dimensão ética e política; Fernando Bento ("Afetividade e criatividade em filosofia para crianças") analisa as maneiras em que ela afeta o pensamento das crianças; Silmara Marton & Dagmar de Mello e Silva ("Escutando crianças: o que elas nos deram a pensar?") apresentam uma experiência concreta de comunidade filosófica e elaboram algumas inferências específicas de ouvir as crianças; Grace Robinson



(“You Live And Learn: Narrative In Ethical Enquiry With Children”) propõe o que denomina ‘Investigação narrativa ética’ como uma pedagogia que busca desenvolver três virtudes: consciência ética, competência narrativa e investigação crítica e autoconsciente; Natalie Fletcher (“Authoring And Facilitating Affect: The Philosophical Novel As A Liberating Form Of Affective Labour”) posiciona a novela como uma forma de labor afetiva tanto no processo (o trabalho do autor que requer uma resposta afirmativa) como nos efeitos (a experiência das crianças que provoca uma resposta afetiva) e busca demonstrar como a novela filosófica captura a potencia libertador da labor afetiva – autonomia relacional numa comunidade forte – ao mesmo tempo que evita os efeitos negativos de exploração e alienação; e Arie Kizel (“Life Goes On Even If There’s A Gravestone’: Philosophy With Children And Adolescents On Virtual Memorial Sites”) analisa uma instância de discurso filosófico ampliado que praticou durante dois anos com três grupos de jovens (crianças e adolescentes) que experimentaram perdas em suas famílias ou comunidades, e que eram coautores de textos escritos em contextos virtuais.

Outros textos se concentram na infância, a filosofia e a educação desde uma perspectiva mais teórica.. Mariana Alvarado (“El inspector, un investigador: vestigio de policía en las instituciones educativas mendocinas de fines del siglo xix”) trabalha sobre algumas pegadas políticas no século XIX em algumas instituições educativas de Mendoza, Argentina; e Aimberê Quintiliano (“Antologia fenomenológica e educação da infância. uma leitura de Merleau-Ponty”) incorpora alguns conceitos claves da fenomenologia de Merleau-Ponty para revisitar a educação da infância.

Finalmente, dois trabalhos recentemente apresentados num simpósio especial -- “Philosophy of Childhood: Exploring the Boundaries” – realizado em Encontro da *American Philosophical Association* se concentram no conceito de infância: Karen Fry (“Lyotard and The Philosopher Child”) mostra como, para o filósofo francês J.-F. Lyotard, o filósofo é a criança que busca respostas das quais não é dono. Finalmente, Stefano Oliverio (“The *Repuerescentia* of the Teacher: A Philosophical-Educational Perspective on the Child and Culture”) propõe o

boas vindas dos editores - editors' welcome - bienvenida de los editores

conceito de *repuerescencia* (um retorno do docente à infância), a partir de uma leitura de Erasmus, como um signo de que a herança clássica não está fechada e sempre se está fazendo e nos pode dizer muitas coisas num contexto de ensino.

Esperamos que disfrute da variada coleção de textos, se sinta encorajado/a a submeter artigos, incluindo compilações de filósofos e/ou educadores, relatos, mostras de currículos, resenhas, relatórios de projetos atuais, poesia e arte. Bem-vindo à *childhood & philosophy*!

david kennedy - walter o. kohan  
upper montclair - rio de janeiro



*editors' welcome*

*Childhood and philosophy* is a journal which has been waiting to be born at least since Socrates sat down in the unique (at least for us) shelter of the 5<sup>th</sup> century bc polis and founded a discipline. The journal's conception lies much, much later, in the fateful historical meeting between childhood education and philosophy. This meeting, in turn, had to wait for Rousseau's mantic pronouncements of the *Emile*, sent like a letter in a bottle to the approaching revolution, and for the slow development, over the course of the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries, of a kind of adult actually capable of listening to children, much less of hearing them. This, in turn, required the romantic deconstruction of that very enlightened (male) adult whom, we must admit, made revolution possible.

We can avoid the politically dangerous speculation as to which of this pair—philosophy or childhood education—was the father and which the mother by invoking anti-oedipus and the ontology of difference, in which the possibilities for paternal and maternal work multiply. Certainly education conceived as a vehicle of dissemination of the modern devices for the constitution of subjectivity excavated for us by Foucault cannot claim paternity rights. The form of education spawned by disciplinary power has long been an enemy of childhood *and* philosophy. On the other hand, “professional” or “real” philosophers typically scoff at the suggestion that children are capable of philosophizing, much less doing anything else remotely “serious.”

We believe that a concern with children doing philosophy is inseparable from a preoccupation with childhood itself. This gets its basis from the observation that many adults—and especially both adults who teach children in schools and professional philosophers—seem in most cases either to overlook or to flatly deny children's capacity to think philosophically. This is profoundly complicated by the fact that to think children doing philosophy is to redefine philosophy itself. Therefore it is not enough to say the obvious—that children cannot do philosophy

as we do. To think children doing philosophy asks for a redefinition of childhood itself.

It is both of these redefinitions, caught in chiasmic relation, which this journal seeks to explore. And this exploration is at least one fundamental dimension of the group of philosophers and educators who make up the international council for philosophical inquiry with children. ICPIC already has a long history, which is a click away, at [www.icpic.org](http://www.icpic.org). *Childhood and philosophy* is designed to be one of its many voices, and to act in concert with the news and information you will find on its website. In keeping with the lively polyvocal character of the organization, we have decided to post/publish papers in at least six languages. We recognize that this is not a particularly efficient way to deliver the journal—translating everything into english would probably, on the average, gather more readers per article—but this practice signifies our commitment, not only to the integrity of each piece of work in its mother tongue, but to our hopes for an increasing multilingualism in general, which is a metaphor (or in fact an index) of an increase in that polyperspectivalism which we consider to be the hope of rethinking childhood and philosophy.

In the present issue, v. 10, n. 20, papers are published in English, Spanish and Portuguese. Some of them have to do with philosophy as a community issue: Marina Santi (“Doing Philosophy In The Classroom As Community Activity: A Cultural-Historical Approach”) explores it from a cultural-historical angle; Roberto Tibaldeo (“Reframing And Practicing Community Inclusion: The Relevance Of Philosophy For Children”) explores the philosophical community it in its ethical and political dimension; Fernando Bento (“Afetividade e criatividade em filosofia para crianças”) studies the ways it effects children thinking; Silmara Marton & Dagmar de. Mello e Silva (“Escutando crianças: o que elas nos deram a pensar?”) explore a concrete experience in philosophical community, and draw some particular inferences from listening to children; Grace Robinson (“You Live And Learn: Narrative In Ethical Enquiry With Children”) proposes what she calls ‘Narrative Ethical Enquiry’ as a pedagogy that aims to develop three virtues:



ethical awareness, narrative competence and critical, self-conscious enquiry; Natalie Fletcher (“Authoring And Facilitating Affect: The Philosophical Novel As A Liberating Form Of Affective Labour”) positions the Lipmanian philosophical novel as a form of affective labour both in process (the author’s work that requires affective investment) and in delivery (the children’s experience that produces affective response) and seeks to demonstrate how the philosophical novel captures the liberating potential of affective labour—relational autonomy within a strong community—while avoiding its negative outcomes of exploitation and alienation; and Arie Kizel (“‘Life Goes On Even If There’s A Gravestone’: Philosophy With Children And Adolescents On Virtual Memorial Sites”) analyses an instance expanded philosophical discourse that took place over a two-year period with three groups of young people (children and adolescents) who had experienced loss in their families or their communities, and who were partners in writing texts in virtual contexts.

Other papers focus on childhood, philosophy and education from a more theoretical perspective. Mariana Alvarado (“El inspector, un investigador: vestigio de policía en las instituciones educativas mendocinas de fines del siglo xix”) works from some political traces drawn from 19th century educational institutions in Mendoza, Argentina; and Aimberê Quintiliano (“Antologia fenomenológica e educação da infância. uma leitura de Merleau-Ponty”) incorporates some key concepts of Merleau-Ponty’s phenomenology to revisit the education of childhood.

Finally, two papers recently featured at a special symposium-- “Philosophy of Childhood: Exploring the Boundaries” —at an annual meeting of the American Philosophical Association are focused on childhood as a concept: Karen Fry (“Lyotard and The Philosopher Child”) shows how, for the French thinker, the philosopher is the child who seeks answers but cannot master them. Finally, Stefano Oliverio (“The *Repuerescentia* of the Teacher: A Philosophical-Educational Perspective on the Child and Culture”) proposes the concept of *repuerescentia* (a teacher’s return to childhood), drawn from a reading of Erasmus, as a sign that the

boas vindas dos editores - editors' welcome - bienvenida de los editores

classical heritage is not something closed but always in the making, and which can speak to us in a teaching context.

We hope that you will enjoy this rich mix of papers, and that you will feel encouraged to submit articles, whether in English or your mother tongue, including compilations from philosophers and/or educators, transcripts, curriculum samples, book reviews, reports on current projects, poetry and art. Welcome to *childhood and philosophy*!

david kennedy - walter o. kohan  
 **montclair - rio de janeiro**





*bienvenida de los editores*

*Childhood & philosophy* es una revista que espera nacer por lo menos desde que Sócrates ocupó un lugar singular (al menos para nosotros) en la *pólis* del siglo V a.c. y fundó una disciplina. La concepción de esta revista se alimenta, mucho más tarde, del encuentro histórico y providencial entre la educación de la infancia y la filosofía. Ese encuentro, por su parte, tuvo que esperar a las proféticas declaraciones de Rousseau en el *Emilio*, enviadas como un manuscrito en una botella de vidrio a la inminente revolución y también por el lento desarrollo, a lo largo de los siglos XIX e XX, de un tipo de adulto realmente capaz de oír a l@s niñ@s, ya que no de escucharl@s. Para eso fue necesaria la deconstrucción romántica de un tal adulto (masculino) vivamente esclarecido quien, debemos admitirlo, hizo posible la revolución.

Podemos evitar la especulación políticamente peligrosa sobre cuál de los dos en esa pareja - filosofía o educación de la infancia - sería el padre y cuál la madre, si evocamos el anti-Edipo y la ontología de la diferencia, en los cuales las posibilidades para la función paterna y materna son múltiples. Ciertamente la educación concebida como un vehículo de diseminación de los dispositivos modernos para la constitución de la subjetividad excavada para nosotros por Foucault no puede reivindicar derechos de paternidad: la educación asentada en el poder disciplinar ha sido intensamente enemiga de la infancia y de la filosofía. Por otro lado, filósofos "profesionales" o "de carne y hueso" acostumbran cerrar los ojos ante la posibilidad de que niñ@s sean capaces de filosofar  $\frac{3}{4}$  ni siquiera de que puedan hacer algo remotamente "serio".

Consideramos que el interés para que niñ@s hagan filosofía está unido a una preocupación con la propia infancia. Esta afirmación tiene como base la observación de que muchos adultos - especialmente aquellos adultos que enseñan a l@s niñ@s en escuelas e aun los filósofos profesionales - parecen, en la mayoría de los casos, desconsiderar o negar la capacidad de un niñ@s para pensar filosóficamente. Tal situación se complica mucho más profundamente aún por el

hecho de que pensar un niñ@s haciendo filosofía significa repensar la propia filosofía. Por lo tanto, no es suficiente decir lo obvio - que l@s niñ@s no pueden hacer filosofía como nosotros. Pensar un niño haciendo filosofía requiere también repensar la propia infancia.

*Childhood & philosophy* busca explorar esas dos tareas, consideradas en sus cruces e intersecciones. Esa búsqueda es al menos una de las dimensiones fundamentales del grupo de filósofos y educadores que integran el consejo internacional para la investigación filosófica con niñ@s (International Council for Philosophical Inquiry with Children). El ICPIC ya tiene una larga historia (que puede ser visitada en [www.icpic.org](http://www.icpic.org)). *Childhood & philosophy* va a ser una de sus múltiples voces y va a interactuar con las otras. Para mantener vivo el carácter polifónico de la organización, decidimos, inicialmente, publicar artículos en seis idiomas. Reconocemos que este no es un modo particularmente eficiente de ofrecer la revista - traduciendo todo al inglés probablemente tendríamos un promedio bastante superior de lectores por artículo -, pero esa práctica significa nuestro compromiso, no sólo con el sentido y significado de poder expresarse en la lengua materna, sino con la esperanza de un creciente multilinguismo en general, una especie de metáfora (o, de hecho, un indicador) de un número cada vez mayor de perspectivas que puedan surgir al repensar la infancia y la filosofía.

En el presente número, v. 10, n. 20, publicamos textos en inglés, castellano y portugués. Algunos tienen que ver con la filosofía como actividad en comunidad: Marina Santi ("Doing Philosophy In The Classroom As Community Activity: A Cultural-Historical Approach") la explora desde una perspectiva histórico-cultural; Roberto Tibaldeo ("Reframing And Practicing Community Inclusion: The Relevance Of Philosophy For Children") estudia la comunidad filosófica en su dimensión ética y política; Fernando Bento ("Afetividade e criatividade em filosofia para crianças") analiza las maneras en que ella afecta el pensamiento de niños y niñas; Silmara Marton & Dagmar de Mello e Silva ("Escutando crianças: o que elas nos deram a pensar?") presentan un experiencia concreta de comunidad filosófica y elaboran algunas inferencias específicas de escuchar a niñas y niños;



Grace Robinson (“You Live And Learn: Narrative In Ethical Enquiry With Children”) propone lo que llama ‘Investigação narrativa ética’ como una pedagogia que busca desarrollar tres virtudes: consciencia ética, competencia narrativa e investigación crítica y auto-consciente; Natalie Fletcher (“Authoring And Facilitating Affect: The Philosophical Novel As A Liberating Form Of Affective Labour”) posiciona la novela como una forma de labor afectiva tanto en el proceso (el trabajo del autor que requiere una respuesta afirmativa) como en el efecto (la experiencia de niñas y niños que produce una respuesta afectiva) y busca demostrar cómo la novela filosófica captura el potencia libertador de la labor afectiva – autonomía relacional en una comunidad fuerte – a la vez que evita los efectos negativos de explotación y alienación; y Arie Kizel (“‘Life Goes On Even If There’s A Gravestone’: Philosophy With Children And Adolescents On Virtual Memorial Sites”) analiza una instancia de discurso filosófico ampliado que ha sido practicado durante dos años con tres grupos de jóvenes (niños y adolescentes) que han experimentado pérdidas en sus familias o comunidades, y que eran coautores de textos escritos en contextos virtuales.

Otros textos se concentran en la infancia, la filosofía y la educación desde una perspectiva más teórica.. Mariana Alvarado (“El inspector, un investigador: vestigio de policía en las instituciones educativas mendocinas de fines del siglo xix”) trabaja sobre algunas huellas políticas dejadas en el siglo XIX en algunas instituciones educativas de Mendoza, Argentina; y Aimberê Quintiliano (“Antologia fenomenológica e educação da infância. uma leitura de Merleau-Ponty”) incorpora algunos conceptos claves de la fenomenología de Merleau-Ponty para visitar la educación de la infancia.

Finalmente, dos trabajos recientemente presentados en un simposio especial -- “Philosophy of Childhood: Exploring the Boundaries” – realizado en un Encuentro de la American Philosophical Association se concentran en el concepto de infancia: Karen Fry (“Lyotard and The Philosopher Child”) muestra como, para el filósofo francés J.-F. Lyotard el filósofo es el niño que busca respuestas de las que no es dueño. Finalmente, Stefano Oliverio (“The *Repuescentia* of the Teacher: A

boas vindas dos editores - editors' welcome - bienvenida de los editores

Philosophical-Educational Perspective on the Child and Culture”) propone el concepto de *repuerescencia* (un retorno del docente a la infancia), a partir de una lectura de Erasmus, como un signo de que la herencia clásica no está cerrada sino que siempre se está haciendo y nos puede decir muchas cosas en un contexto de enseñanza.

Esperamos que disfrute esta variada colección de textos, estimado lector, que usted nos envíe sus propios textos, en inglés, o en su lengua materna, incluyendo compilaciones de filósofos y/o educadores, relatos de experiencias, reseñas, informes de proyectos, poesía y arte. ¡Bienvenid@ a *childhood & philosophy*!

david kennedy - walter o. kohan  
upper montclair - río de janeiro